

ENTRE MIRA, SERAFINA, ROSA E TIA NEGUITA

2ª edição

a trajetória e o
protagonismo de
Léa Garcia

JULIO CLAUDIO DA SILVA



editora
UEA

Lembro-me de quando vi a personagem Rosa, da novela Escrava Isaura, exibida na TV em 1976 pela primeira vez. Representada de forma primorosa pela atriz Léa Garcia, Rosa era uma escravizada muito ativa e astuciosa. Em que pese a trama maniqueísta da ficção, Rosa trazia consigo uma grande dose de insubmissão e orgulho num cenário em que, não raramente, as atrizes negras assumiam ora o papel de escravizadas dóceis e obedientes aos seus senhores, ora o lugar de empregadas domésticas na telenovela brasileira.

Após a publicação da sua primeira obra sobre a atriz Ruth de Souza, "Uma estrela negra no teatro brasileiro", neste outro livro do historiador Julio Claudio da Silva, Rosa e outras personagens negras interpretadas por Léa Garcia ao longo da sua carreira profissional nos são apresentadas, ao mesmo tempo em que o autor oferece uma janela privilegiada para percorrermos a trajetória da grande atriz e seu protagonismo na dramaturgia brasileira, principalmente no teatro e cinema, a partir da sua inserção no Teatro Experimental do Negro e das temáticas negras propostas, nos anos de 1950. Com profundidade e vivacidade de escrita, o historiador se debruça igualmente sobre as memórias de infância de Léa Garcia, as repercussões na imprensa dos trabalhos realizados pela atriz e suas lutas individuais e coletivas por espaços, respeitabilidade e

ENTRE MIRA, SERAFINA, ROSA E TIA NEGUITA

a trajetória e o protagonismo de
Léa Garcia

2ª edição

Julio Claudio da Silva

Wesley Sá
Coordenação Editorial

Wesley Sá
Revisão de prova

Samara Nina
Projeto Gráfico

Raquel Maciel
Diagramação e finalização

Sindell Amazonas
Revisão

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa

S586c
2024

Silva, Julio Claudio da
Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa
Garcia/ Julio Claudio da Silva. 2. ed. – Manaus (AM): Editora UEA, 2024.
314 p.: il., color; 21 cm.

ISBN 978-85-7883-659-7

Inclui referências bibliográficas

1. Dramaturgia brasileira. 2. Histórias. 3. Protagonismo. I. Título

CDU 1997 – 82-2(81)

Elaborada pela bibliotecária Sheyla Lobo Mota CRB11/484



editoraUEA

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 38784463
editora.uca.edu.br | editora@uca.edu.br

13	Léa Garcia: espelho, régua e compasso
17	Apresentação
21	Prefácio
23	Introdução
35	I. “Você não vai ser uma negrinha de pé no chão”: a respeitabilidade negra como projeto
49	<i>Respeitabilidade, insubordinação e descoberta da negritude</i>
65	<i>Das descobertas da negritude e do TEN</i>
75	II. A estrela egressa do Teatro Experimental do Negro
79	<i>“Como foi a minha estreia?”: a inserção de Léa Garcia no TEN</i>
87	<i>Rapsódia negra e o direito à escolha</i>
96	<i>O filho pródigo e Festival O’Neill</i>
100	<i>Narrativas sobre Sortilégio</i>
106	<i>Sortilégio, o mistério negro</i>
123	III. Léa Garcia, o TEN e Orfeu da Conceição
131	<i>Entre Orfeu da Conceição e Orfeu Negro</i>
143	<i>Como foi Orfeu da Conceição</i>

157 **IV. Orfeu Negro, a dupla estreia**

163 *Orfeu Negro ou do Carnaval*

175 *Da cobertura de Orfeu Negro e as representações da mulher negra*

189 **V. Narrativas de si:
experiências com discriminação racial**

201 *"A escravidão está dentro da gente até hoje"*

211 *TEN, IPCN e a consciência da discriminação racial*

216 *Narrativas de si, narrativas sobre um espaço racializado*

220 *Das militâncias de uma atriz*

237 *Trabalho e interseccionalidade*

245 **À guisa de conclusão**

252 **Bibliografia**

263 **Anexo I:
Vereda Artística**

285 **Anexo II:
Depoimentos da exposição: Léa Garcia – atriz e
ativista social negra**

293 **Galeria**

313 **Sobre o autor**

Prefácio

Da experiência ativista do Teatro Experimental do Negro, em meados do século XX, emergiram duas das maiores atrizes negras das artes cênicas no Brasil, Ruth de Souza e Léa Garcia. Estrelas reconhecidas internacionalmente ainda jovens, ainda que, nem por isso foram blindadas do racismo e do machismo estruturante das relações brasileiras de seu tempo.

O historiador Julio Claudio Silva tornou-se biógrafo de ambas, registrando com sensibilidade a construção das duas Divas Negras já na sua maturidade. Ruth foi uma artífice de sua própria memória. Léa manter-se-ia ativista antirracista século XXI adentro. É um prazer imenso acompanhar as memórias de cada uma delas a partir do olhar sofisticado e empático de Julio, que não tem medo de demonstrar o quanto as admira. É dessa admiração que nascem os livros e é isso que os fazem leituras indispensáveis.

O reconhecimento e o autorreconhecimento de sua condição de Diva das artes cênicas foram mais ambíguos para Léa Garcia. A condição de mãe solo, a dupla jornada de atriz e funcionária pública, o ativismo político e sindical, tornam sua construção de si mais crítica e multifacetada do que a da amiga Ruth.

Julio nos pega pela mão para acompanhar o rememorar de Léa sobre sua trajetória. Desde a infância, atravessada pelas violências sutis do paternalismo brasileiro, agravadas pelos marcadores de raça, gênero e classe. Nesse tempo, foi construída a admiração pela respeitabilidade que a mãe, modista, soube construir para si. Admiração que se manteria por toda a vida.

Guiados por Julio, seguimos com Léa por seu casamento precoce com Abdias Nascimento, que ela considera o grande responsável por fazer aflorar seu talento de atriz e o amor pelas artes cênicas. Do casamento e da experiência do TEN (Teatro Experimental do Negro) ficaram dois de seus filhos, que criou solo, a amizade com Ruth de Souza, o ativismo antirracista e a carreira de atriz. Seu balanço desse encontro que redirecionaria toda sua vida permaneceu positivo tempo afora.

Os trabalhos na TV, apesar dos muitos papéis estereotipados de personagens negras que interpretou, lhe trariam algumas grandes alegrias e reconhecimentos, como a grande antagonista da novela Escrava Isaura e a oportunidade de incorporar alguns dos primeiros papéis que romperiam com estereótipos racistas na TV brasileira.

Nas telas dos cinemas, apesar do hiato que se segue à indicação ao prêmio de melhor atriz em Cannes, em 1957, continuou a brilhar. Ela se tornará Diva do cinema negro brasileiro a partir de Filhas do Vento, de Joel Zito Araújo (2005).

Neste século XXI que já vai avançando, em plena forma, com filmes recentes no currículo, a biografia escrita por Julio Claudio da Silva coroa uma trajetória de luta e muitos sucessos. Convoco os leitores a aceitarem seu convite para mergulhar na memória dessa grande estrela.

Hebe Mattos
Professora Titular Livre, Universidade Federal de Juiz de Fora
Professora Titular de História do Brasil,
Universidade Federal Fluminense

Sobre o autor

Julio Claudio da Silva, doutor em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, é professor associado do colegiado de História Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas, atuando também como professor permanente no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas. É coordenador do GEHA-UEA/CNPq e do NEAB/CESP-UEA e pesquisador do LABHOI-UFF e do LABHOI-UFJF. É autor, entre outras obras, do livro “Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza” (2017) e do artigo “Interseccionalidade e lutas por direitos nas trajetórias das atrizes negras, Ruth de Souza, Léa Garcia e Zezé Motta (1940-1960)” (2022).

representatividade no universo das artes cênicas marcado pelas discriminações raciais e de gênero. Ao lermos as páginas deste "Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita", o autor mostra o ativismo e pioneirismo político de Léa Garcia, convidando as leitoras e leitores a refletir sobre as inequívocas contribuições da atriz para a ampliação das oportunidades de mulheres negras na dramaturgia brasileira de hoje.

Cláudia Maria de Farias
Prof. Dra. do curso de História
da Universidade do Estado
do Amazonas

Léa Garcia

A atuação de Léa arrancava da subalternização arcaica, que ainda hoje quer condicionar a carreira das mulheres negras, a potência subversiva de uma grande atriz. O que pode um corpo e uma psique quando marcados pela violência colonial? A cada olhar, gesto e palavra de sua Rosa, fico pensando se Léa não parecia formular justamente essa pergunta. Eu penso que sim. Ela formulava, mas não apenas ela formulava. Léa evidenciava essa pergunta que fazia a si mesma sobre sua pessoa e sobre Rosa, a sua personagem. E revelava a resposta para si mesma e para a personagem. E devolvia a resposta ao seu corpo, e a entregava para nós, o público de televisão. Eu acho que, com esse método, ela conquistava de forma imbatível o grande público e deixava nós, pessoas negras, a graça de ser seu público. Acho que é coisa típica das grandes mães africanas, coisa típica das grandes mestras da diáspora. No Brasil, ela é a maior. Eu fico pensando... Você já imaginou a Léa num elenco assim com a Viola Davis, com a Ângela Bassett e outras grandes? Assim, na galeria das grandes atrizes do mundo, Léa está lá. Com certeza, mas ela é brasileira, e ela é negra brasileira.

Carmen Luzia Ferreira
Artista, pesquisadora e
especialista em Artes Cênicas



editora
UEA



imprensa oficial
GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ

PPGH

